

UNIVERSIDADE FEDERAL DA INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA – UNILA

“Anais do I Encontro de Estudios Sociales desde América Latina y el Caribe: cenários  
linguístico-culturais contemporâneos”  
07, 08 e 09 de novembro de 2013 - UNILA

FOZ DO IGUAÇU - 2016



## PARA UMA VISÃO AMPLIADA: DISPUTAS NO CAMPO DA MEMÓRIA DO TRABALHO NO ECOMUSEU DE ITAIPU.

Lucas Eduardo Gaspar<sup>1</sup>

*“... Esse é o problema, as histórias que você lê são seguras”  
(Livreiro, A História Sem Fim)*

Ao analisar os materiais apresentados pelo Ecomuseu referente ao período, a obra e aos trabalhadores podemos nos deparar com esse campo de disputa. Cabe aqui, então, refletir sobre essa disputa e suas consequências. Pois, “Dialogar com o passado não é, apenas, tornar mais visíveis experiências vividas em tempos anteriores; trata-se, sobretudo, de explorar os sentidos em que esse passado assume no presente...” (KHOURY, 2009, p.125).

E esse debate pode contribuir de alguma forma para uma ampliação de nossa visão acadêmica e também da visão da sociedade em relação a esses lugares, que de uma maneira esteticamente atraente e supostamente despretensiosa tenta nos passar/impor uma memória que não aborda importantes dinâmicas de um determinado período e sujeitos. Nesse caso, o período de construção da usina de Itaipu e as relações de poder envolvendo seus trabalhadores. Além disso, essa disputa afeta não somente o pensamento em relação ao trabalho na construção da Itaipu e as memórias desse processo, mas também algumas atitudes e olhares em relação a esse passado, pois, essa ação da Usina em “representar” uma memória, tem interesses claramente práticos, de conformidade da população e sobreposição de alguns atos, que não param no Ecomuseu, pelo contrário são constantemente reproduzidas e reconstruídas.

Como veremos posteriormente o Ecomuseu traz diversos objetos dos trabalhadores do período da construção da usina querendo de alguma maneira “resgatar” a memória de todo o âmbito do trabalho nesse período de construção da hidrelétrica, e é justamente esse suposto “resgate” da história do trabalho da usina que analisarei aqui, problematizando como ele é feito, o que realmente ele aborda, o que deixa para trás e principalmente os usos dessa tentativa de “resgate”.

---

<sup>1</sup> Acadêmico do curso de História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, vinculado ao Laboratório de Pesquisa Trabalho e Movimentos Sociais, E-mail: l.e.gaspar@hotmail.com.

Sendo assim, nessa análise, tentaremos contrapor os sentidos atribuídos à memória do trabalho construída pelo Ecomuseu, partindo então da ideia de que a exposição é um artifício controlado por sujeitos pertencentes ao Estado e à Usina de Itaipu, que serve para a reprodução de uma memória e ideias que estão intimamente ligados a seus interesses. Que acabam por ocultar uma realidade de trabalho duro, de relações complexas e conflitos do período.

Utilizo como fonte desse trabalho a exposição do Ecomuseu em geral, tanto os objetos expostos, sua disposição e também os murais que descrevem partes do Ecomuseu, juntamente com as informações e questões abordadas no site do Ecomuseu.

O Ecomuseu de Itaipu foi criado no ano de 1987 devido a uma série de ações feitas pela Usina de Itaipu remanejando o uso dos prédios criados no período da construção da Usina que após o término da obra foram desativados. O prédio que hoje se instala o Ecomuseu era a sede da UNICON (União das Construtoras), empresa essa que fazia a contratação dos funcionários que iriam trabalhar na construção da barragem.

A exposição trazida pelo Ecomuseu aborda de maneira geral basicamente três temas: primeiramente uma visão geral da história da região, trazendo informações sobre os indígenas que habitavam o lugar, juntamente com o processo de ocupação e colonização, outro tema que é dado bastante ênfase na exposição é o do meio ambiente. São trazidas diversas exposições relacionadas com a fauna e a flora da região, juntamente com os diversos processos de preservação do meio ambiente que atualmente são feitos pelo Ecomuseu e a Usina de Itaipu. O terceiro tema exposto no Ecomuseu e que será objeto dessa análise é o da construção da usina de Itaipu e também do trabalho e trabalhadores que participaram dessa construção.

Mas, cabe aqui uma breve análise aos dois primeiros temas tratados pelo Ecomuseu, primeiramente no que se refere a “história da região” que é trazida pelo Ecomuseu podemos notar uma narrativa que trás essa história ocupação e colonização como um processo bastante harmonioso e com um sentido de evolução, podendo perceber isso na exposição em que se traz os indígenas e sua relação tanto com os colonizadores e catequizadores. Já em relação ao tema do meio ambiente, pode-se perceber todo o cuidado que “atualmente” eles têm em relação à fauna e a flora da região, mas mostrando isso acabam que de certo modo, minimizando – pode-se dizer até mesmo não abordando - toda a questão da degradação e impacto ambiental trazido pela construção da Usina.

Em relação ao terceiro tema, notamos uma preocupação bastante grande do Ecomuseu em trazer diversos objetos da construção da Usina, expondo diversos capacetes, máquinas para escrita e cálculos e walkie talkies e, que são, de alguma forma, completados por quadros que “explicam” os objetos. Importa lembrar aqui, que, não são os objetos em si, mas a utilização deles motivados por interesses que constroem sentidos para essas evidências. Nesse caso, foram trazidos com a intenção de mostrarem como o trabalho na Usina era seguro e moderno.

Esses objetos de trabalho, expostos no Ecomuseu, são acompanhados das seguintes falas:

“Parte dessa historia individual e coletiva, repleta de desafios superados por anônimos brasileiros, por trabalhadores, técnicos, engenheiros e profissionais de todas as áreas, podem ser resgatadas a partir de alguns objetos, mobiliários e imagens do cotidiano de Itaipu”( ECOMUSEU, 2012)

“Composta por objetos que fizeram parte da rotina de trabalho dos empregados da Itaipu. Em seu conjunto formam um verdadeiro testemunho da quantidade de pessoas envolvidas e da tecnologia aplicada na construção” (ECOMUSEU, 2012)

O “resgate” e “testemunho” vistos acima nos dão uma ideia de como esses materiais são utilizados para a construção de determinados sentidos em relação à obra e ao trabalho, que entram na disputa pela memória com o discurso de representação do que realmente aconteceu. Essa atitude, pode também ser considerada uma preocupação que nos indica que essa memória não está solidificada, e sim que precisa dessas ações para que de alguma maneira seja passada para a população.

Já o discurso feito na página do Ecomuseu, no site da Usina de Itaipu, pode nos dar uma ideia do que e como será a exposição. Nela podemos notar que na verdade o “Ecomuseu” não se diferencia em relação a um museu tradicional, pois a ideia de Ecomuseu é a de diferenciação dos museus tradicionais, trazendo uma maior participação e interação com a comunidade. Mas, como pode ser vista na fala inicial o Ecomuseu tem a intenção de “conservar a história da região e da Usina de Itaipu” (ITAIPU, 2013) e, também, a de fidelidade ao passado trazido somente por seus objetos, onde se tem sim uma interatividade com a comunidade, mas não uma interatividade de participação na construção da exposição, e sim somente interagindo com as ideias e interesses que já foram construídos e são representados no Ecomuseu.

**“O que é? O Ecomuseu conserva a história da usina e da região brasileira em que foi construída a hidrelétrica.” (ITAIPU, 2013)**

Essa ideia de conservação devemos questionar, realmente é possível se conservar a história da usina e da região? E, também, o que se quer conservar e quais os sentidos dessa conservação?

Esse interesse pela conservação de uma determinada história da usina e da região está ligada intimamente com os sentidos dessa conservação, sentidos esses que são os de tentar fixar determinadas memórias, construídas por indivíduos que tem interesses na conservação dessa memória, interesses esses de exaltar um passado mostrando todos os benefícios trazidos pela Usina de Itaipu para a região, tanto no econômico, social e do trabalho, fazendo essa conservação aparte dos sujeitos que realmente interferiram nesse passado, os trabalhadores.

Não os tirando completamente de cena, mas limitando sua participação sendo representados apenas por “Um painel de fotos 3X4 homenageia as 40 mil pessoas que trabalharam na construção da hidrelétrica.”(ITAIPU, 2013), e alguns objetos de trabalho dos obreiros, não levando em conta os outros processos que independem do cenário material ou dos objetos.

Atualmente notamos práticas da usina de Itaipu, fora do Ecomuseu, que ainda tentam transmitir uma determinada memória em relação ao trabalho na barragem, como é o caso de uma ação da Itaipu que visa a inserção dos trabalhadores que construíram a barragem de Itaipu no complexo turístico da Usina. Como podemos ver na seguinte matéria do Jornal “A Gazeta do Iguazu”:

“Antigos barrageiros poderão atuar no complexo turístico de Itaipu. Projeto está selecionando antigos trabalhadores que queiram dividir suas histórias com os visitantes.” (A GAZETA DO IGUAÇU, 2011)

Apesar de “darem voz” ao trabalhador, Itaipu continua “selecionando” esses para que possam apenas dividir, não suas próprias histórias, mas a história que Itaipu quer que seja dividida. Esse é mais um exemplo de que mesmo não se limitando a evidências materiais, os empresários da Itaipu constroem sentidos para o passado da obra da hidrelétrica, que em seu benefício devem ser repassados. E mais, essa reportagem bastante recente também nos mostra que a Itaipu ainda se preocupa com esse passado, ou seja, que ele ainda está em disputa de interpretação e de uso dessas relações.

E em contraposição a essa ideia que tenta ser passada pelo Ecomuseu podemos trazer e analisar algumas questões colocadas pelo pesquisador Odirlei Manarin como importantes de serem retomadas:

“[interessa] identificar os operários como sujeitos nesse processo da construção [...] O consentimento da extensa jornada de trabalho, determinados pela escala do feitor caracterizava a maneira de entender o perfil de trabalho desejado pelo Consorcio. Assim, evitar a demissão antes do término da construção da barragem, consentia aos critérios aceitáveis pela UNICON, em que seus funcionários deveriam seguir o perfil do trabalhador produtivo, pontual, comprometido e responsável diante da constante rotatividade da empresa.... Os operários protagonizaram grandes lutas neste período de construção da hidrelétrica de Itaipu”. (MANARIN, 2008, p.139)

Vendo a fala de Odirlei podemos repensar e analisar algumas questões da usina em relação ao trabalho, pois, como pode ser visto em sua dissertação, o período da construção da usina de Itaipu contou com vários processos conflitantes, marcado por revoltas, greves e até mesmo práticas dos trabalhadores de adequações a alguns aspectos de desse trabalho, e todo esse processo não fica evidente em nenhum momento na exposição do Ecomuseu. O que ocorre então no Ecomuseu não é a tentativa de se expor uma memória do trabalho na Usina de Itaipu, mas sim somente a exposição de objetos do trabalho utilizados na obra. Mas isso não significa que está aparte de interesses, pois essa construção feita pelo Ecomuseu, está intimamente ligada as interpretações que querem ser passadas do trabalho na obra, atribuindo certo sentido tentam sobrepor o sentido de conflitos e lutas em relação à construção da barragem. Em suma:

“O reconhecimento de que o patrimônio cultural não é um dado, mas uma construção que resulta de um processo de atribuição de significados e sentidos, permite avançar em direção sua dimensão política, econômica e social; permite compreendê-lo como espaço de disputa e luta, como campo discursivo sujeito aos mais diferentes usos e submetido as mais diferentes interesses”(CHAGAS, 2002, p.137,138)

A exposição do Ecomuseu, tanto em seu âmbito do trabalho e construção da usina como também nos outros setores, é uma exposição construída por sujeitos e que visa certos interesses particulares, como por exemplo a perpetuação da ideia de evolução trazida pela construção da hidrelétrica, também a sobreposição de certas memórias que não são interessantes a esse grupo, como o do impacto ambiental trazido pela construção e também

a da atuação e relações conflituosas dos trabalhadores nesse período, trazendo assim uma ideia de harmonia e progresso em todos os âmbitos da exposição.

Sendo assim, a história contada no Ecomuseu não é uma história perigosa, como as que o livreiro do filme "A História Sem Fim" lia, é uma história segura, que disputa as interpretações de um momento de luta, exploração e confronto de valores e interesses. Mas o nosso papel é discuti-la, problematizá-la e identificar os limites de sua abordagem e proposição de homogeneidade, ou seja, torná-la perigosa. Para isso, devemos estar atentos ao que essa produção de memórias propõe naturalizar, ao que é disputado na exposição do Ecomuseu de Itaipu e como esse projeto é apresentado ao público. Tudo isso, é uma tarefa que exige confrontar memórias e histórias e quem as produz.

#### REFERÊNCIAS:

A GAZETA DO IGUAÇU. 01 de junho de 2011.

A HISTÓRIA SEM FIM, Direção: Wolfgang Petersen. Warner Bros, 1984.

CHAGAS, Mario. **Cultura, Patrimônio e Memória**. Congresso Internacional de Arquivos, Bibliotecas, Centros de Documentação e Museus. São Paulo, 2002.

ECOMUSEU. Exposição, 2012.

ITAIPU. Site: <http://www.itaipu.gov.br/turismo/ecomuseu>, consulta em: 17/02/2013.

KHOURY, Y. A. **Do mundo do trabalho ao mundo dos trabalhadores**. In: PORTELLI, A et al; VARRUSSA, J. R (org.). **Mundo dos trabalhadores, lutas e projetos: temas e perspectivas de investigação na historiografia contemporânea**. Cascavel/PR: EDUNIOESTE, 2009.

MANARIN, Odirlei. **Piões da Barragem**. Memórias e relações de trabalho dos operários da construção da hidrelétrica de Itaipu – 1975 a 1991. Universidade Estadual do Oeste do Paraná, campus de Marechal Cândido Rondon, 2008.